

A ÉTICA COMO MÉTODO EPISTEMOLÓGICO EM EDGAR MORIN: NOTAS DE UMA LEITURA SITUADA NO CONTEXTO DO SÉCULO XXI

ETHICS AS AN EPISTEMOLOGICAL METHOD IN EDGAR MORIN: NOTES FROM A READING SITUATED IN THE CONTEXT OF THE 21st CENTURY

Antonio Max Ferreira da Costa **1**
José Mateus do Nascimento **2**

Resumo: O presente artigo analisa a ética e suas implicações nas relações humanas e sociais no contexto do século XXI e tem como objetivo refletir acerca da ética como método epistemológico em busca de respostas às indagações e contingências humanas e sociais, notadamente no processo de elaboração científica. A investigação foi realizada tendo como parâmetro a pesquisa bibliográfica de caráter interpretativo com vistas à produção de notas de leituras acerca do tema ética. Essas foram elaboradas inicialmente como resenha crítica, que em seguida foi reelaborada para aprofundar a investigação do livro "O Método 6. Ética" de Morin (2011), fundamentada em estudos anteriores desse autor, trilhando os caminhos da análise temática como delineada por Severino (2007). Com essa metodologia foi possível compreender a proposição de Morin (2011) através de sua percepção do tema, da argumentação utilizada e da conclusão. As notas de leituras estão formalizadas de acordo com um artigo de revisão científica nas quais, identifica-se: introdução, desenvolvimento e conclusão, respectivamente situam o leitor nas ideias centrais, secundárias, problematização e propositivas. Essas etapas analíticas possibilitaram elaborar uma síntese mostrando o pensamento de Morin (2011) em relação a ética como método guia para a ciência e a vida inserido na Teoria da Complexidade.

Palavras-chave: Ética. Método Epistemológico. Morin. Contingências Humanas e Sociais.

Abstract: This article analyzes ethics and its implications for human and social relations in the context of the 21st century and aims to reflect on ethics as an epistemological method in search of answers to human and social questions and contingencies, notably in the process of scientific elaboration. The investigation was carried out using as a parameter the bibliographic research of an interpretative character with a view to producing reading notes on the subject of ethics. These were initially prepared as a critical review, which was then reworked to further investigate the book "The Method 6. Ethics" by Morin (2011), based on previous studies by this author, tracing the paths of a thematic analysis as outlined by Severino (2007). With this methodology it was possible to understand Morin's (2011) proposition through his perception of the theme, the arguments used and the conclusion. The reading notes are formalized according to a scientific review article in which, it is identified: introduction, development and conclusion, respectively, situate the reader in the central, secondary, problematizing and propositional ideas. These analytical steps made it possible to elaborate a synthesis showing the thinking of Morin (2011) in relation to ethics as a guiding method for science and life inserted in the Theory of Complexity.

Keywords: Ethics. Epistemological Method. Morin. Human and Social Contingencies.

Doutorando e bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação **1**
em Educação Profissional (PPGEP-IFRN). Lattes : <http://lattes.cnpq.br/6446532208962557>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2586-9349>.
E-mail: a.maxcosta@gmail.com

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional **2**
(PPGEP-IFRN), Doutor em Educação (PPGED-UFRN). Lattes : <http://lattes.cnpq.br/9176401714554967>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4964-5216>.
E-mail: zenmateus@gmail.com

Introdução

A ética da vida humana é um tema que tem mobilizado cientistas e pesquisadores, bem como instituições no mundo globalizado. Produzir conhecimento científico no século XXI, demanda uma condição ética, uma vez que os estudiosos em seus processos de investigações convocam não apenas aportes epistemológicos, mas também são influenciados por questões externas a ciência, tais como: ideias políticas, econômicas, religiosas, culturais, psicológicas e filosóficas.

Neste artigo o objetivo é apresentar notas de leitura acerca do pensamento sobre ética, exposto como método de pensar e de analisar a ciência e a vida exposto na obra de Edgar Morin (2011), notadamente no livro “O Método 6. Ética”, que consiste em um volume conclusivo daquela que é a sua maior obra e manuscrito mais completo, a série “O método”, escrita em seis volumes, o qual inaugura uma discussão sobre o que denominou de Teoria da Complexidade.

Os seis livros, a saber são: O método 1. A natureza da natureza (1997); O método 2. A vida da Vida (2001); O método 3. O conhecimento do conhecimento (2015); O método 4. As Ideias-*habitat*, vida, costumes, organização (1998); O Método 5. A humanidade da humanidade, a identidade humana (2002); e o livro ora analisado, que finaliza a série “O método” de Edgar Morin.

“O Método 6. Ética” destaca-se como relevante na série por fazer compreender os estudos sobre ética no mundo, assim como, a urgência da reflexão em torno da violência, da falta de respeito com o eu, com outro e com o planeta, o negacionismo científico, a ausência de empatia, de solidariedade e amor, além dessas aberrações, tem-se as mazelas sociais, desigualdades, miséria, fome, concentração de riqueza nas mãos de poucos e a pobreza, temas caros intelectualmente, tratados no O Método, que vão culminar nas tessituras sobre a instituição da ética. Sendo assim, essa pode ser considerada como um construto humano cujo cômputo se contrapõe a toda forma de violência, justificando-se, desse modo, sua apropriação racional pelos elaboradores da Ciência.

Diante dessa construção teórico-epistemológica questiona-se: Será que a ética enquanto método epistemológico responderia as indagações das inúmeras contingências humanas e sociais do século XXI?

O Método 6. Ética, como evidencia, Morin (2011) convida o leitor a repensar o ser humano e os fenômenos que o cercam, considerando uma racionalidade que vá além daquilo que não comporta a crítica para apropriar-se da ética como uma epistemologia da complexidade que concebe o conhecimento como religação dos saberes em sua relação dialógica de complementaridade e antagonismo.

Edgar Morin é filho de judeus espanhóis, seus pais migraram para a França, durante a primeira década do século XX. Nasceu no dia 08 de julho de 1921 em Paris – França, a família lhe ensinou o mediterrâneo gosto pelo azeite e pela berinjela. Seu pai encarregou-se de apresentar uma cultura de canções, de café-concreto e de operetas. Já a mãe transmitiu o gosto pelas óperas italianas, mas o que mais marcou sua vida foi a morte de sua mãe quando ele tinha apenas 9 anos de idade, conforme conta-nos Santos e Hammerschmidt (2012).

Sabe-se que Edgar Morin foi um adolescente cinéfilo voraz e leitor faminto, o que o fez encontrar ideias instigantes, que vão favorecer a reflexão e um caminhar não linear pelo autodidatismo. A posição de inquietude desse pensador possibilitou uma produção dinâmica e atenta aos fenômenos do seu tempo, e, aberta ao diálogo, ou seja, capaz de incluir a complexidade de fatos e elementos do mundo vivo, afirma Santos e Hammerschmidt (2012).

Morin tem formação acadêmica em Direito, História e Geografia, e debruçou-se em investigações nos campos da filosofia, da sociologia e da epistemologia, tecendo assim, a Teoria da Complexidade¹. Vale ainda ressaltar uma síntese da vasta bibliografia escrita por ele, como

¹ Conforme Morin (2015, p.88-89) a “Teoria da Complexidade” trata-se de um conhecimento que compreende as partes no todo, e vice-versa, analisando os fenômenos na sua multidimensionalidade, sem o isolamento das suas dimensões, reconhecendo e tratando ainda as realidades reconhecidas de forma concomitante, solidária e conflituosa, sem se descartar os antagonismos. Essa teoria respeita e reconhece a unicidade, potencializando a ideia de que é possível substituir a forma de pensamento que isola, separa e reduz por um pensamento que distingue e une, enfim, a “Teoria da Complexidade” tem seus antecedentes na cultura das humanidades, na

segue: “Os sete saberes necessários a educação do futuro” (2000), “Ciência com consciência” (1999), “A cabeça bem feita” (2015), “Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana” (2003), “O homem e a morte” (1997), “Terra-pátria” (2000), “O cinema ou o homem imaginário” (2014), “Meus demônios” (1993), “A religião dos saberes” (2001), “Amor, poesia, sabedoria” (1999), “Introdução ao pensamento complexo” (2007) e “O enigma do homem: para uma nova antropologia” (1975).

Ciente do valor das ideias de Morin, foi que se teceu esse escrito bibliográfico de caráter interpretativo por meio de notas de leituras, elaboradas inicialmente como uma resenha crítica, seguida da investigação do livro “O Método 6. Ética”, o que permitiu trilhar os caminhos de uma análise temática como bem delinea Severino (2007, p.56-59), ilustrado no quadro a seguir:

Quadro 1. Análise Textual

PREPARAÇÃO DO TEXTO	Leitura completa do texto;
	Busca dos elementos básicos do texto a) Autor: vida, obra (s) e ideias; b) Texto: quando, para que, para quem foi escrito; c) Vocabulário; d) Fatos, autores, teoria (s) e doutrina (s).

Fonte: autoria própria com base em Severino (2007, p.56-59).

Com essa metodologia proposta por Severino (2007) exposta no quadro 1, buscou-se compreender a mensagem de Edgar Morin através da percepção do tema, da argumentação e da conclusão. Fez-se esquemas com divisões e subdivisões identificando: introdução, desenvolvimento e conclusão, extraíndo as ideias centrais, secundárias, os problemas e as conclusões a que o autor chega. Essas etapas analíticas possibilitaram elaborar uma síntese como notas de leitura mostrando o pensamento de Morin sobre ética e para finalizar, apresentam-se as reflexões finais.

Essas notações estão formalizadas como artigo de revisão científica nas quais, são identificadas essa introdução, o desenvolvimento, intitulado, ética um processo de religião do humano com o outro, a sociedade e a espécie; e a conclusão, como reflexões finais, estruturada, situando o leitor nas ideias centrais, secundárias, problematizadora e propositivas do autor.

Considera-se, por fim, que etapas analíticas possibilitaram elaborar uma síntese mostrando o pensamento de Morin (2011) acerca de ética como método guia para a Ciência e a vida, princípio fundante na teoria da complexidade.

Ética como processo de religião do humano com o outro, a sociedade e a espécie

O Método 6. Ética, Morin (2011) caracteriza-se, em relação aos volumes anteriores, como possuidor de uma linguagem mais coloquial e acessível aos iniciantes na teoria da complexidade, dividido em 5 partes: o pensamento da ética e a ética do pensamento (p.19-66); Ética, ciência, política (p. 69-87); Autoética (p. 91-143); Socioética (p.147-155); Antropoética (p.159-182); Conclusões éticas: Conclusão 1- Do mal (p.185-193) e Conclusão 2- Do bem (p.194-202); Vocabulário (p. 205-214); Notas (p. 215-222) e Obras de Edgar Morin (p. 223-224). Este último volume do Método consiste num remate das discussões anteriores, pois resgata a discussão dos princípios da complexidade no contexto da ética, promovendo uma relação entre saber e fazer, racionalidade e sentimento, entre ética, epistemologia e método. O ponto de partida está na compreensão da relação dialógica entre pensamento e ética e sua manifestação como exigência subjetiva indissociável da realidade histórica no tocante à produção de

conhecimentos para a vida.

No primeiro capítulo da primeira parte, denominado de “o pensamento da ética”, onde é feita uma reformulação do princípio moral Kantiano. A ética, segundo Morin (2011), manifesta-se de maneira imperativa, como exigência moral. Não obstante, encontra suas fontes na tríade indivíduo (interna), sociedade (externa) e espécie (anterior). Essas fontes encontram-se no indivíduo na condição de sujeito, que para ele, se auto-afirmam e se situando no centro do seu mundo. Essa condição (de auto-afirmação) comporta um princípio de exclusão (altruísmo) e outro de inclusão (egocentrismo) que oscilam entre essas três instâncias que nutrem a ética. De acordo com o autor, “todo o olhar sobre a ética deve reconhecer o aspecto vital do egocentrismo assim como a potencialidade fundamental do desenvolvimento do altruísmo” (MORIN, 2011, p.21). E mais adiante, segue na perspectiva da epistemologia da complexidade que diz: “Todo olhar sobre a ética deve perceber que o ato moral é um ato individual de religação; religação com um outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade, e no limite, religação com a espécie humana” (MORIN, 2011, p.21-22).

Na visão do autor, egocentrismo e altruísmo perpassam pela tríade indivíduo, sociedade e espécie, que é uma relação dialógica. O indivíduo é 100% biológico e 100% cultural, haja vista que o cultural está no biológico e vice-versa. Nesse sentido, a constituição de uma consciência moral individual autônoma que se desenvolve claramente na Atenas do século V com o advento da atividade política democrática, colocada no texto como expressão do movimento complexificador da relação trinitária indivíduo/sociedade/espécie; sendo a união/superação da tríade a partir do espírito individual que se coloca em certo momento histórico em um nível superior às demais instâncias.

A partir desses primeiros pressupostos depreende-se que as instâncias éticas se nutrem e se complementam em uma relação dialógica estando sujeitas a rupturas e deslocamentos. É o que prevalece na modernidade apesar de todo discurso ético racionalista; uma passagem da autonomia individual à privação da ética. Na modernidade, a ética está subordinada às narrativas políticas e científicas, mas, essas narrativas se distanciam das intenções éticas.

Na atualidade, no mundo ocidental como coloca Morin (2011), os fundamentos da ética estão em crise, uma crise que se inscreve na crise geral dos fundamentos das certezas filosóficas e científicas. O capítulo I é finalizado com a ideia de que a crise da ética é crise da religação indivíduo/sociedade/espécie que não carece de fundamento, mas de regeneração.

O capítulo II trata do retorno às Fontes Cósmicas discute sobre a ideia de que o sistema antropológico expresso na tríade indivíduo/sociedade/espécie se inscreve em um sistema cósmico. A força de religação não se subscreve apenas no âmbito deste nível de realidade, está em cada elemento e na própria totalidade. É uma força primordial que remete às origens do mundo em sua ordem física, vital e se traduz no tetragrama formado pela ordem/desordem/interações/organização. Sendo assim, considera-se que “desde a agitação térmica inicial, uma dialógica indissociável acontece entre aquilo que separa, dispersa, aniquila, e o que religa, associa, integra” (MORIN, 2011, p.31).

O sistema antropológico está inserido no cosmos, mas, da mesma forma o contém, na medida em que é marcado por uma organização dialógica e recursiva que subverte o princípio de causalidade e de linearidade temporal. Ordem e desordem interagem das mais variadas formas, dialogicamente, pois se opõem e se complementam recursivamente, isto quer dizer que uma torna-se causa e efeito da outra. Está implícito aí um princípio de organização e criação, que não se coloca como efeito dessa interação, mas como causa também.

A organização dialógica e recursiva está presente nos sistemas humanos e naturais, configura o real como uma organização marcada pela incerteza. Essa organização é complexa e comporta a virtude de integração no seio de uma autonomia, como é o caso do núcleo atômico e a virtude da organização viva que liga a sua autonomia ao meio exterior.

A religação é uma força de criação e organização que caracteriza todo o real, em todas as suas instâncias do macrocosmo ao microcosmo. Os seres humanos e as sociedades experienciam essa religação por meio da responsabilidade, da inteligência, da iniciativa, da solidariedade e do amor. Essa é a compreensão final de Morin (2011) no capítulo II.

Dito isto, a partir do capítulo III que discorre sobre a incerteza ética, Morin (2011) re-

torna o olhar do leitor à instância antropológica, mais especificamente no que diz respeito ao âmbito das ações humanas, ao questionamento ético propriamente dito. Ele diferencia e identifica ética e conhecimento dentro de uma perspectiva da complexidade. O real se configura como um sistema composto de uma rede de sistemas que se organizam pela força de religação da interação dialógica e recursiva. Nas ações humanas não é diferente, pois são constituídas dos mais variados elementos e constituem o campo da ética. É nesse sentido, que o autor lança mão de uma ecologia da ação. Segundo ele, “a ecologia da ação indica-nos que toda a ação escapa, cada vez mais, à vontade de seu ator, na medida em que entram no jogo das inter-retro-ações do meio onde intervém” (MORIN, 2011, p.41).

Os efeitos da ação não dependem apenas das intenções do ator, mas também das condições próprias ao meio onde acontece e são impossíveis de se prever a longo prazo. A ação pode ser um fracasso ou se desviar de seu sentido, independente da intenção. Assim, o autor lança mão de exemplos da literatura e da própria história para ilustrar a problemática, tais como: a invasão do Iraque cuja intenção era eliminar o terrorismo, mas acabou por incentivá-lo; e a obra Fausto de Goethe, onde o protagonista sempre produz infelicidade para Margarida apesar de pretender sua felicidade, enquanto Mefisto, que sempre trabalha pela infelicidade desta acaba por desencadear a intervenção divina que acaba por salvá-la.

A ética comporta complexidade; comporta contradição entre intenção e ação, entre bem e mal. Um conhecimento fragmentado e parcial das coisas leva a um pensamento equivocado no que diz respeito às várias instâncias do real. No caso da ética, o equivoco se dá em relação à ecologia da ação, o que acaba por gerar barbárie e ilusão interior, esta última, também chamada pelo autor de *self-deception* (mentira inconsciente de si mesmo); quando um indivíduo reduz o outro, pelo que há de negativo, seus erros e seus enganos e por isso se coloca em um patamar superior, pois esquece que também os comete.

No Capítulo IV, A ética do pensamento, o autor se remete inicialmente à frase de Pascal, “trabalhar para pensar bem, eis o princípio da moral” (MORIN, 2011, p 60). Com isso o autor pretende expressar a necessidade de uma compreensão dialógica entre saber e fazer, entre ética e conhecimento. O primeiro tido como verdade subjetiva e o último, verdade objetiva pretendida. O pensar mal, que fragmenta compartimenta e atomiza o saber não reconhece essa relação dialógica, e, portanto, as contradições e incertezas da ética. Esse modo de pensar gera irresponsabilidade e falta de solidariedade, uma vez que provoca nas pessoas a incapacidade de se reconhecerem como parte do todo.

Para Morin (2011) a redução da responsabilidade e da solidariedade geram deformações da memória, esquecimentos seletivos, autojustificação, auto cegamento e pela *self-deception*. Nesse sentido, reconhecer que a produção e a aplicação do saber perpassam pela ética, ou seja, que o princípio de consciência intelectual é inseparável do princípio de conhecimento moral é ter conhecimento do que seja a ética. O pensamento complexo alimenta a ética no sentido de que a religação dos saberes abrange a responsabilidade e a solidariedade entre os indivíduos e a questão da ética aparece nesse contexto como questão antropológica - já que pressupõe o conhecimento do homem, de si mesmo em sua dualidade egocêntrica e altruísta - e epistemológica, pois implica o conhecimento do processo do conhecimento em seu caráter complexo. O conhecimento da ética é o reconhecimento das incertezas e contradições no próprio seio das ações morais. Isso nos move a lutar contra a cegueira e à ilusão interior que conduzem ao maniqueísmo e ignoram a compreensão e o perdão entre os indivíduos.

O saber compartimentado e atomizado, que representa bem a racionalidade científica moderna vem impossibilitando esse conhecimento e reconhecimento, desconhecendo o conhecimento da ética e a ética do conhecimento na medida em que não é capaz de imaginar o todo com elementos solidários. No parágrafo final deste capítulo afirma Morin (2011, p. 66):

Dissemos no início deste capítulo que ‘a consciência moral necessita do exercício permanente de uma consciência esclarecedora’. Mas, reciprocamente, a inteligência é uma luz que necessita ser esclarecida pela moral. Há momentos em que a moral dá a lucidez que falta à inteligência resignada ou passiva.

A parte II do livro intitulada de “Ética, ciência, política” traz a questão da má utilização do pensamento no que diz respeito ao campo de embate das ações humanas da ciência e da política em relação à ética no contexto da modernidade, e a urgência de se repensar esta relação de forma complexa no contexto social contemporâneo. Esta parte da obra está dividida em dois capítulos, quais sejam: “Ciência, ética, sociedade” e “Ética e política”.

No que diz respeito ao primeiro capítulo da segunda parte, Morin (2011) observa que a partir da modernidade a ciência enquanto tecnociência tornou-se assim uma potência motora social, mas isso ele o diz muito mais no sentido em que seus êxitos possibilitaram o desenvolvimento de instrumentos de destruição e manipulação, que inclusive, observe-se, foram impulsionados pela Segunda Guerra Mundial, pela Guerra Fria e pelos interesses do lucro, maximizado pela lógica capitalista.

Na modernidade o poder do conhecimento científico passa a ser refém dos interesses econômicos e políticos uma vez que se encontra nas mãos das empresas e das potências estatais. Foi o caso da traumática experiência atômica e das experiências com seres humanos nos campos de concentração no período da Segunda Guerra Mundial. Tal relação tem proporcionado uma redução de solidariedade, de responsabilidade e cegueira, que tem sido nutrido pelo emprego de um conhecimento compartimentado e fragmentado que percebe as instâncias da ciência e da política como independentes da ética e entre si.

Nesse sentido, o segundo capítulo chama a atenção para o fato de que a ciência tem gerado cegueira ética em relação à ecologia da ação, no que diz respeito à sua natureza ambivalente, principalmente, presente a partir do século passado, no qual tem desenvolvido poder de manipulação, inclusive à destruição da natureza. Há ainda uma contradição ético-política entre a ética da convicção e a ética da responsabilidade que complementam e constituem juntas o homem autêntico. A responsabilidade sem convicção seria oportunismo e uma convicção sem responsabilidade gera a barbárie, o agravamento de maniqueísmos e da moralina².

Segundo Morin (2011), a esperança pela política perpassa por uma “democracia cognitiva”. Nessa perspectiva, emergem dúvidas que vêm sendo colocadas no âmbito social: Podem-se melhorar as relações entre os indivíduos? Entre os indivíduos a sociedade e seus laços? Como sair da nossa barbárie civilizada que contraditoriamente se materializa na modernidade através dos discursos e teorias políticos e científicos, que proporcionam visões de um futuro radioso e conforme uma ideia de evolução civilizatória, mas ainda nos coloca distantes de uma regeneração da religião ética? Levando em conta a ecologia da ação, Morin (2011) mostra que em termos de convivência humana, devemos contar com a estratégia e não com a certeza.

A construção ética depende da disposição dos indivíduos que se nutre da sua relação com o outro. Nesse sentido, na Terceira parte do Método 6, a Autoética é anunciada, pela qual Edgar Morin aborda a temática da ética na contemporaneidade a partir dos indivíduos, na sua condição de sujeitos neste mundo marcado pelos efeitos de uma tecnociência, que os direcionam ao individualismo, ao consumismo e ao esquecimento das fontes de religião da ética. Esta parte do texto nos remete às perguntas fundamentais na compreensão de uma autêntica ética do indivíduo, do que denominou de autoética; ponto de partida para a construção de uma ética social. Estamos praticando a ética em nossas ações? Até onde os humanos são racionais a ponto de esquecer as qualidades que regem o universo?

Morin (2011) leva-nos a refletir sobre a ação ética, destacando o quão importante é abrigar-se, repensar e visitar o bem, o possível, o necessário, ou seja, a própria ética. Esse é um ato subjetivo que se inclina para uma religião primordial.

A ética é, portanto, possível a *priori* como decisão individual, uma vez que passa também pela reflexão de cada pessoa. O teorizador sobre a complexidade considera a autoética como “uma ética de si para si que desemboca naturalmente numa ética para o outro. Relação dialógica entre sujeito e coletivo, indivíduo/sociedade/espécie que se efetivam no coração de cada sujeito” (MORIN, 2011, p. 93).

² A moralina é um termo usado pelo pensador Nietzsche, na qual julga e condena embasado em critérios externos ou superficiais de moralidade apropriando-se do bem e transforma em oposição entre bem e mal aquilo que, na realidade, não passa de conflitos de valores, afirma Garcia e Targino (2008).

Sugere o autor que se deve discutir sobre ética a partir de uma sociedade participativa, onde todos tenham o direito de ir e vir, bem como liberdade de expressão e pensamento. A partir dos contextos sociais dos sujeitos, passamos a sentir necessidade da autoética. Essa regula as relações individuais entre os sujeitos, no modo de agir, pensar, decidir, tendência para praticar o bem comum. Na tentativa de praticar a autoética, Morin (2011) diz que o indivíduo deve se permitir olhar para dentro de si mesmo, buscando refletir sobre seus atos. A essa busca o autor chama de auto-observação ou trabalho de introspecção.

Não obstante, o trabalho de introspecção ou auto-observação é extremamente difícil e requer um modo de pensar complexo na medida em que se pode deparar com algumas armadilhas, tais como: a complexidade interior e do espírito que comporta a multipersonalidade potencial em cada um de nós; as zonas cegas e às ciências que nos tornam indulgentes com nossos erros e severos com os alheios; a má boa-fé; a memória e ao esquecimento coletivo; a tendência de auto-justificação, que sempre transfere para o outro o erro ou falha; o ódio que cega; e o ressentimento de injustiça.

Nessa compreensão, a auto-observação ou introspecção deve ser praticada com permanência, sendo considerada para Morin (2011) como um “estado de vigilância”, no qual o indivíduo deve empregar a autocrítica ou autoanálise em seus atos, de forma complexa e levando em conta a ecologia da ação. Se todos os indivíduos pensassem iguais, como bem colocado no texto, a democracia não faria sentido, pois ela precisaria de vários pensamentos para resultar em consenso. Ela vive da pluralidade, concorrência e antagonismos e precisa de diferentes olhares. Morin (2011) chama a atenção para o paradoxo que emerge na contemporaneidade; na medida em que a ética se esgota em seus fundamentos tradicionais, mas há um excesso de juízos morais, ou, mesmo a realização de julgamentos de moralina, tais como indignação, culpabilização, reprovação e denúncias virtuosas que pretendem reduzir o outro a mentiroso, manipulador, canalha.

O ser humano foi classificado friamente com base em dicotomias extremas: o feio e o bonito; o rico e o pobre. Por isso que ensinar a compreensão por meio do diálogo e do entendimento é uma das possibilidades na busca pelas práticas da autoética, uma forma de quebrar as barreiras do antagonismo entre os sujeitos. Assim, o respeito e a cortesia que devemos ter um com o outro indica o quanto civilizado somos, visto que, segundo Morin (2011), as saudações tendem a esvaziar a hostilidade potencial do outro. Nessas práticas, muitas vezes, tecemos uma malha de cordialidade, facilitando as nossas relações sociais. Assim, desse modo a autoética pode ser entendida como uma entrega do sujeito à ética da comunidade que não pode ser reduzida à realidade humana. Está inscrita no mundo vivo. Essa é a ideia inicial trazida na quarta parte intitulada de Socioética.

No decorrer do texto, o autor discorre sobre a forma com que o ser humano vem complexificando a ética da comunidade que insurge na sociedade, que perde os laços tradicionais e primordiais de comunidade devido a predominância do individualismo e que atinge o ápice na atual modernidade. O que caracteriza a modernidade é o pensamento que compartimenta o saber e enfraquece os laços originários de comunidade. Esta forma de pensar está a serviço das relações de interesse/lucro que acabam por enfraquecer a ética de comunidade em seus elementos constitutivos de solidariedade e liberdade que se traduzem de forma complexa nos costumes - que se tornam motivo de segregação, exclusão e isolamento; na democracia - que se esvai na corrupção e no crescimento de desigualdade e iniquidade; nos meios de informação - por meio de uma mídia que desinforma; na educação - que cada vez mais se torna quantificada. Isso comporta em complexidade, que se torna desordem porque é vista de forma unilateral. Urge, portanto, a necessidade de um pensamento complexo para compreender essa situação, que não pode ser garantida apenas com o aparato das leis e instituições, mas que deve emergir do sujeito. Nessa perspectiva, refere-se a autoética na qual,

O pensamento complexo ilumina as virtudes da solidariedade. Assim como a ética política nos incita a trabalhar por uma sociedade de alta complexidade, ou seja, de solidariedade e de liberdade, o pensamento complexo estimula-nos a despertar e a gerar a autoética, que aparece aqui não só como virtude

individual, mas também como virtude social (MORIN, 2011, p. 149).

A quinta parte do Método 6: Ética foi intitulada por Morin (2011) pelo termo de Antropoética. Nessa parte do texto o autor propõe uma ética do universal concreto ao assumir responsabilidade de discutir a condição humana. A Antropoética é conduzida pela decisão individual e, portanto, mediada pela autoética. A Antropoética tem a pretensão de se tornar um novo “modo ético de assumir o destino humano” como afirma Morin (2011, p. 159), compreendendo-o em suas antinomias e plenitudes. Morin chega a fornecer a fórmula das transformações necessárias sob a forma de “nove mandamentos”. Assim, ele busca “civilizar em profundidade”, vencer a “barbárie do espírito humano”.

Os nove mandamentos segundo Morin (2011, p.163-164) se organizam pela tomada de consciência que vão da identidade humana à consciência da Terra-Pátria, passando pela questão da finitude e da vitalidade humana.

Antropoética é um dever individual consciente ou um modo ético de assumir o destino humano, ela não deve ser deduzida da Antropologia, de forma que nenhum dever pode ser deduzido de um saber. O dever pode ser esclarecido pela Antropologia complexa, mas não é reduzida a ciência da antropologia. (MORIN, 2011)

Morin (2011) ainda apresenta nesta parte da obra as características da Antropoética que são: O caráter transitório do circuito indivíduo/espécie/sociedade assume o destino humano nas suas antinomias e na sua plenitude; sobre a ética universal e a ética do singular. A ética universal reconhece em todo ser a identidade consigo e a diferença de si, respeitando-o tanto na sua diferença quando na semelhança; por uma essência concreta, o que pode acontecer através da ética universalista (planetária).

Nas Conclusões Éticas, estruturadas em conclusão 1 – do mal e conclusão 2 – do bem, Morin (2011) discute as formas como o ser humano pode deixar de habitar pelas forças dispersas, desagregadoras e destruidoras que acarretam a incompreensão e como pode elevar em si as forças de religação e regeneração. Na conclusão 1 – o estudioso considera que a ética complexa reconhece a complexidade do bem e do mal. Para ele “[...] um mundo só pode advir da separação e só pode existir na separação: *diabolus* é quem separa” (p.185).

Quando Morin (2011) apresenta a separação das coisas do mundo ele chama a atenção para o fato de que as forças cósmicas de religação avançam a partir da separação, mas ressalta-se que há nessa separação encontros, afinidades, associações e interrogações entre elementos cósmicos, sendo assim, conclui-se que o mal é força de separação, porém é inseparável da existência cósmica. Já o bem, a religação conforme Morin (2011) é inseparável por essência.

Percebe-se que o princípio da religação potencializado pelo “Arque-Bem” precisa ser colocado não só na posição antagônica, mas como concorrente e complementar. Justificando essa ideia é que Morin (2011, p.187) diz: “é preciso compreender que é desintegrando-se que o mundo se organiza e organizando-se que ele se desintegra; isso determina simultaneamente a crueldade do mundo e a possibilidade de resistência a ela”.

Na conclusão 2 – Do bem, Morin (2011) inicia discutindo a complexidade da ética e afirma que:

A ética é complexidade por ser de natureza dialógica e ter sempre de enfrentar a ambiguidade e a contradição. É complexa por não impor uma visão maniqueísta do mundo e renunciar à vingança punitiva. É complexa por ser uma ética da compreensão sabendo-se que a compreensão reconhece a complexidade humana (MORIN, 2011, p.196).

Observa-se que essa definição de Morin (2011) faz pensar que a ética complexa é sempre promessa e sem salvação, ela incorpora ao mundo e ao futuro da humanidade o desconhecido. Essa ética resiste aos sentimentos do mal, tais como: ódio, incompreensão, mentira, barbárie e crueldade. Nota-se ainda que a ética complexa é resistente devendo por isso rege-

nerar-se incessantemente através do circuito religação/compreensão/ compaixão.

Será que os humanos conseguiram atingir essa religação? Como o próprio Morin (2011) coloca na maioria de suas obras tudo é incerto e inacabado, tendo esse princípio como norteador, afirma-se que a obra *O Método 6: Ética* é de fundamental importância para os pesquisadores, sejam eles das ciências exatas, biomédicas e humanísticas, diz-se isso porque não há produção científica acabada e nem verdade absoluta.

A postura tanto do cientista como do professor deve ser mediada pela ética mesmo que a ciência hegemônica o corrompa e dê sentido apenas ao lucro, esquecendo-se do humano e do meio ambiente. Essa obra estudada serviu para compreender que a ética não é algo apenas destinado para os pesquisadores, mas é para todo e qualquer ser humano, por isso os formadores de cidadãos e de educadores precisam ler o *Método 6*, mais que isso, ter ciência da responsabilidade de construir, por meio de suas práticas pedagógicas, a possibilidade de religar indivíduo/sociedade/espécie que a ciência moderna fragmentou ou separou.

Reflexões Finais

A postura tanto do cientista como do professor deve ser mediada pela ética mesmo que a ciência hegemônica o corrompa e dê sentido apenas ao capital, esquecendo-se do humano e do meio ambiente. Essa obra analisada serviu para compreender que a ética não é algo apenas destinado para os pesquisadores, mas é para todo e qualquer ser humano. Sendo assim, entende-se que os formadores de cidadãos deveriam ler o *Método 6* e, mais que isso, terem ciência da responsabilidade de construir, por meio de suas práticas pedagógicas, a possibilidade de religar indivíduo/sociedade/espécie que a ciência moderna fragmentou ou separou.

Considera-se, ainda que as ideias de Morin, especialmente as construídas no “*O Método 6*”, que a ética como método epistemológico responderia às inúmeras indagações humanas e sociais presentes no século XXI. Mas, tal discussão teórica-epistemológica, faz pensar que essa obra do teórico da complexidade não vai produzir sozinha nenhum milagre e nem alterar abruptamente o comportamento dos humanos. Todavia, pode contribuir para o pensar sobre os fundamentos que sustentam as sociedades ditas modernas.

Ora, a mudança de comportamento ético nas relações humanas e sociais, demandam uma tomada de consciência e mais que isso, uma mudança de posicionamento, refletida nas suas condições no mundo. Enfim, a obra de Morin investigada motiva-nos à reflexão, a partir da leitura do eu, do outro e da nossa relação com o planeta.

Portanto, reforça-se que os métodos epistemológicos e a produção científica exigem o cultivo da ética, depende única e exclusivamente das contingências morais do pesquisador, considerando as instituições e as condições políticas, econômicas, culturais e religiosas. A ética apresenta-se como essencial no processo de humanização e na efetivação de uma consciência planetária.

Referências

DE ARRIAL, L. R.; CALLONI, H. Estudos pontuais sobre o conceito de método e teoria no paradigma da complexidade de Edgar Morin. *Revista Didática Sistemática*, [S.l.], v. 11, p. 50-63, nov. 2010. ISSN 1809-3108. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1661>. Acesso em: 27 mai. 2020.

GARCIA, J. C. R.; TARGINO, M. das G. Responsabilidade ética e social na produção de periódicos científicos. *Perspectiva. cienc. inf.*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 33-54, abril de 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362008000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 de jun. de 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-99362008000100004>.

MORIN, E. *O Método 6: Ética*. Tradução Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **O método 1:** A natureza da Natureza. 3.ed. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa-América Lda., 1997.

_____. **O Método 2:** A vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. **O Método 3:** Conhecimento do conhecimento. 5. ed. Tradução por Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. **O método 4:** As ideias. Porto Alegre: Sulina, 1998.

_____. **O Método 5:** A humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Meus demônios.** São Paulo: Bertrand Brasil; 1993.

_____. **O cinema ou o homem imaginário.** São Paulo: É Realizações, 2014.

_____. **O cinema ou o homem imaginário.** São Paulo: É Realizações, 2014.

_____. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 22. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

_____. A morte e a ferramenta. In: **O homem e a morte.** Tradução de Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997. p. 91-106.

_____. Epistemologia da tecnologia. In: **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

_____. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **O enigma do homem:** para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MORIN, E.; CIURANA, Emílio-Roger; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária:** o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-Pátria.** Porto Alegre: Sulina, 2000.

OLIVEIRA, J. M. da S.; ALMEIDA, R. de. As máquinas de complexidade: diálogo com Edgar Morin. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v.45, e201945002002, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100201&lng=en&nrm=iso. Acesso em 27 Mai. 2020. Epub Sep 16, 2019. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945002002>.

QUEM é Edgar Morin? Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4631-quem-e-edgar-morin>. Acesso em 27 de mai. 2020.

SANTOS, S. S. C.; HAMMERSCHMIDT, K. S. de A. A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 65, n. 4, p. 561-565, ago. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_

arttext&pid=S0034-71672012000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 de mai. de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000400002>.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ROSNEY, J. de. Conceitos e operadores transversais. In: MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 493-499.

Recebido em: 08 de junho de 2020

Aceito em: 15 de abril de 2021